

Fisicalidade e atemporalidade em "Na festa de São Lourenço", de José de Anchieta

*Marina Gialluca Domene*⁸⁷

Resumo: *Na festa de São Lourenço*, de José de Anchieta, é de longe a peça mais estudada do conjunto da obra atribuída ao padre-dramaturgo. O texto apresenta a seu leitor/espectador quatro diabos, que desejam corromper aldeias e afastá-las da doutrina cristã. Entretanto, seus planos são frustrados e o grupo é derrotado por São Lourenço – o protetor da aldeia –, São Sebastião e pelo Anjo. Depois disso, os diabos recebem do Anjo uma nova incumbência: ao invés de levar os vivos à tentação e ao pecado, eles devem agora castigar dois condenados ao Inferno: os romanos Décio e Valeriano, responsáveis pelo martírio de São Lourenço. A presença dos dois na peça é, em si, capaz de gerar estranhamento ao leitor atento, por dois motivos diferentes. O primeiro diz respeito ao período histórico em que viveram; o outro se refere ao Pelas rubricas internas, entretanto, sabemos que esta punição não ocorre somente no plano espiritual, mas parece se dar em primeiro lugar na materialidade dos corpos de Décio e Valeriano, que descrevem sua própria morte em cena antes de serem levados ao inferno, apontando para uma presença física do diabo. Esse caráter corpóreo já havia sido apontado no início da peça pela Velha que cumprimenta Guaixará, líder dos diabos. Isso levanta dois problemas: um acerca da própria natureza desses diabos, que parecem transitar com facilidade entre os planos físico e espiritual, bem como um em torno da própria presença física de Décio e Valeriano no Brasil dos Quinhentos. Esta comunicação terá por objetivo explorar ambas as questões: a fisicalidade dos diabos e dos dois romanos, bem como o (des)encontro temporal que se dá na peça.

Palavras-chave: José de Anchieta; teatro colonial; diabo; literatura colonial.

Esta comunicação deriva de um capítulo de minha dissertação de mestrado, defendida em setembro de 2020, na qual estudei três das doze peças escritas pelo padre

⁸⁷ Mestra em literatura brasileira pela FFLCH-USP, quando estudou a representação do diabo no teatro de José de Anchieta. Atualmente é doutoranda no programa de literatura portuguesa, aprofundando seus estudos sobre o padre-dramaturgo, agora em comparação com Gil Vicente e com foco na representação da morte. E-mail: marina.domene@usp.br

jesuíta José de Anchieta: *Na festa de São Lourenço, Na vila de Vitória e Na aldeia de Guaraparim*. O foco desta pesquisa foi a representação do diabo em cada um dos textos. *Na festa de São Lourenço* é certamente a peça mais discutida pela crítica. Entretanto, alguns aspectos de sua trama permanecem carentes de estudo. Entre eles, os desdobramentos da presença de Décio e de Valeriano na trama. Para esta análise, usou-se a edição preparada e traduzida por Eduardo de Almeida Navarro (2006).

Na peça, três diabos de nomes Guaixará, Aimbirê, Sarauaia queixam-se da presença dos jesuítas nas terras brasílicas. Eles já não têm tanto sucesso quanto antes em seu trabalho de tentar e corromper os ameríndios. Liderados por Guaixará, seu próximo passo é planejar um ataque contra o aldeamento de São Lourenço, atual Niterói. Os diabos são surpreendidos pela chegada do santo padroeiro do aldeamento, acompanhado por São Sebastião e por um Anjo, que os derrotam.

Em seguida, Guaixará é levado pelos santos, mas Aimbirê e Sarauaia ficam para trás, pois o Anjo tem novos planos para eles e para os diabos menores, que são seus serviçais. Sua nova tarefa é punir Décio e Valeriano, os dois romanos responsáveis, segundo a peça, pelo martírio de São Lourenço nas grelhas.

Um primeiro questionamento a ser feito seria acerca da própria identidade dos romanos. Quando entram em cena Décio e Valeriano, que louvam em castelhano o sucesso do primeiro em matar “o servo do Galileu” (v. 780, p. 69), isto é, São Lourenço, enquanto o segundo o chama de “senhor”⁸⁸ e “meu chefe”⁸⁹. Sarauaia, entretanto, chama-os “velhos reis fedorentos”⁹⁰.

Note-se que ambos foram imperadores de Roma no século III e que Valeriano subiu ao trono dois anos depois da morte de Décio. O primeiro não foi um empregado, como parecem sugerir diversos autores da tradição crítica anchietana. Décio foi um pioneiro na perseguição aos cristãos primitivos, mas ambos tiveram parte nisso, e, de fato, Valeriano foi único a ter tido contato com São Lourenço. Foi ele quem, de acordo com a tradição católica, ordenou martírio do santo nas grelhas no ano de 258 d.C (SIMÕES, 2013, p. 9). Entretanto, a peça parece sugerir certa vassalagem de Valeriano com relação a Décio, que teria perseguido o santo com mais afinco. Apesar disso, a transferência desta responsabilidade parece em nada afetar o enredo da peça, de maneira que não há indícios no texto de porque

⁸⁸ “Mas, senhor, quem é aquele (...)” ANCHIETA, 2006, v. 791, p. 71.

⁸⁹ “Mas toma, antes, meu chefe!” Ibidem, v. 894, p. 79.

⁹⁰ “Aqueles velhos reis fedorentos?” Ibidem, v. 736, p. 67.

o dramaturgo teria escrito algo que, para nós, leva o nome de imprecisão histórica ou até inconstância.

Este é um dos elementos que comprovam o “caos histórico” mencionado por Décio de Almeida Prado (2012, p. 26):

Esse verdadeiro caos histórico, ou a-histórico, vai do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, do divino ao humano, do material ao imaterial, do passado remoto ao presente imediato, do local ao universal, formando um bloco cultural complexo a que unicamente os padres da Companhia de Jesus (e talvez nem todos) estavam em condições de ter acesso.

Considerando a realidade na colônia quinhentista, não parece absurdo afirmar que os materiais de consulta fossem escassos, mesmo no tocante à hagiografia. Uma das hipóteses a ser levantada é, portanto, a de um equívoco por parte do autor. Entretanto, como escreve Prado (2012, p. 36), não havia “no Brasil da segunda metade do século XVI ninguém com cabedal literário bastante para responsabilizar-se por uma produção teatral e poética tão abundante”. Os jesuítas eram homens extremamente cultos. Nesse caso, não se pode ver no erro a única causa possível para o “caos histórico” referido pelo crítico.

Uma outra hipótese a ser levantada é a de que esta distensão histórica não tem importância. O objetivo de *Anchieta* não era educar seus espectadores a respeito da história dos santos ou da Igreja, mas de mostrar a consequência de deixar-se dominar pelo diabo, isto é, de não seguir a Lei de Deus é o Inferno, tal qual é exemplificado através de Décio e de Valeriano. Nesse caso, dois imperadores são melhores do que um, já que conferem dinamismo à cena. O diálogo entre os dois cria um certo movimento, o que torna a cena mais interessante do que um monólogo, como podemos ver na cena em que os romanos avistam os diabos:

Valeriano:
(...)
Mas, senhor, quem é aquele
que ali vejo tão armado
com espadas e chicote,
e com gente de tropel,
de que vem acompanhado?

Décio:
É nosso grande deus e amigo
Júpiter, sumo Senhor,
que recebeu forte impressão
com o horrendo castigo
e morte deste traidor⁹¹. (*ANCHIETA*, 2006, p. 71, vv. 791-800)

⁹¹ O “traidor” é São Lourenço.

A troca citada aponta para o próximo ponto desta comunicação, que é o fato dos romanos não aparentarem estar mortos na cena – o que também remete ao “caos histórico” mencionado por Décio de Almeida Prado. Eles veem os diabos chegando na forma de uma tropa e apontam para a presença de corpos físicos na cena. Ao invés de um engano a ser desmentido pela trama, temos a comprovação. Eles temem ser enforcados, como demonstrado pela fala seguinte de Valeriano: “Mais temo que venha / seus tormentos vingar / e a nós enforçar...” (p. 73, vv. 806-808), ou quando ele diz “Basta, tu me matas!” (p. 79, v. 892). Décio também declara “Lancem-me dentro de um rio, / antes que o foto me mate, / ó deuses em que confio!” (p. 83, vv. 946-948). O medo da morte é real na peça. Os diabos tampouco desmentem essa ameaça. Antes, fazem planos:

Sarauaia:
(...)
Quem devoraremos primeiro?
Aimbirê:
Os antigos inimigos de São Lourenço.
Sarauaia:
Aqueles velhos reis fedorentos?
Mudarei de nome hoje, por causa deles.
Que sejam muitos os meus nomes!
(ANCHIETA, 2006, p. 67, vv. 734-738)

A referência aqui é ao ritual antropofágico, em que os inimigos eram devorados. O guerreiro que executasse o inimigo com um golpe na nuca teria o direito de trocar de nome, o que lhe conferiria prestígio na comunidade. Quanto mais inimigos um guerreiro matasse, mais vezes trocaria de nome e, portanto, melhor seria a sua reputação. Esse ritual foi considerado especialmente demoníaco pelos europeus, de acordo com Renato Cymbalista (2006, p. 311), e estava tão profundamente enraizado que foi difícil de erradicar, mesmo após ser proibido. O que se vê na peça é um indício de uma mentalidade de vingança, que seria a principal motivação da antropofagia (CYMBALISTA, 2006, p. 307). O Anjo quer que os diabos vinguem o martírio e o sofrimento de São Lourenço.

Portanto, Sarauaia de fato planeja a morte de Décio e Valeriano, a rubrica entre os versos 1086 e 1087 indica que os diabos “afogam [Décio e Valeriano] e entregam-nos aos quatro beleguins, e cada dois levam o seu” (ANCHIETA, 2006, p. 93).

Neste trecho, temos a prova definitiva de que os dois romanos estavam fisicamente presentes e vivos, indicando que os próprios diabos têm uma presença física, fato para o qual o padre-dramaturgo nos aponta já no início da peça, quando uma velha diz ao primeiro deles:

Tu és mau! Não beberás
hoje o que eu mastigo!
Eu somente beberei tudo.
Eis que o ajunto há dias... (ANCHIETA, 2006, p. 13, vv. 79-82)

Se estão todos fisicamente presentes e se Décio e Valeriano estão vivos, o caos de que Décio de Almeida Prado fala comprova-se ainda no que diz respeito à materialidade dos acontecimentos – pois não há nada de propriamente imaterial na peça. A distensão temporal é uma consequência direta da necessidade de materializar os acontecimentos do mundo espiritual diante da plateia, de maneira a afastá-los do campo abstrato para um público que apenas recentemente estaria sendo exposto aos conceitos cristãos de inferno e danação eterna.

Referências bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *Teatro*; introdução, notas e tradução de Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CYMBALISTA, Renato. *Sangue, ossos e terras: Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro - séculos XVI e XVII*. 2006. 428p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Doutorado em Concentração, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. Suporte eletrônico.
- PRADO, Décio de Almeida. As raízes do teatro brasileiro. In: FARIA, João Roberto (dir.). *História do teatro brasileiro. Vol 1 - Das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX*. São Paulo: Edições SESC SP; Editora Perspectiva, 2012.
- SIMÕES, André. *Santos e milagres na Idade Média em Portugal: Textos da Antiguidade Tardia e Idade Média*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Lisboa, 2013.